

## **RESENHA**

### **SILVA, FILIPE NOÉ. DE ESCRAVOS A BENFEITORES: OS LIBERTOS E A MUNIFICÊNCIA NA HISPANIA ROMANA. SÃO CARLOS: PEDRO & JOÃO EDITORES, 2021. 211 PÁGINAS.**

**Ricardo Luiz de Souza<sup>1</sup>**

A problematização dos processos de munificência entre os libertos na Hispânia Romana, com ênfase na Baética dos séculos I e II d.C é o pano de fundo no qual o jovem historiador Filipe Noé Silva tece seu primoroso livro “De escravos a benfeitores: os libertos e a munificência na Hispania Romana”, lançado em 2021 pela Editora Pedro & João. Filipe Noé Silva permite entrever a dinâmica de produção de saberes sobre os processos de manumissão na Antiguidade Clássica Romana observada e analisada a partir de uma criteriosa análise de fontes materiais e clássicas, dialogando com estas com a historiografia produzida sobre a temática. Desdobramento de sua tese de doutoramento em História na Unicamp, sob supervisão do professor Pedro Paulo A. Funari, este trabalho combina uma aguçada pesquisa histórica aliada a uma criativa linha de investigação social.

De escrita clara, concisa e coesa, mas sem deixar de lado a rigorosidade da pesquisa acadêmica, busca o autor restabelecer as relações sociais relacionadas às práticas de munificência realizadas por libertos da Antiguidade romana. Essas práticas podem ser entendidas como estratégias

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Unicamp.

de inserção social, que através de posses em bens, realizavam benesses à comunidade, tais como a construção de templos, anfiteatros, obras públicas etc.

O livro foi organizado em quatro capítulos. No primeiro, Filipe apresenta ao leitor um panorama histórico sobre o desenvolvimento das modalidades e das Leis de Manumissão do antigo Império Romano. Descreve a importância dos libertos no desenvolvimento das atividades econômicas nas variadas partes do Império. De maneira sagaz, no segundo capítulo, Filipe compara e contextualiza as práticas de alforria da Antiguidade como as ocorridas durante a escravidão ocorrida no Brasil, mostrando a importância do estudo da Antiguidade para se entender as relações, também, de nossa realidade histórica e social.

Já no terceiro capítulo, o autor descreve as práticas de evergetismo desenvolvidas na Antiguidade. Segundo ele, o evergetismo consistia em oferecer donativos significativas para dada comunidade, geralmente dados com o oferecimento de espetáculos, tais como corridas, jantares luxuosos, espetáculos de teatro, lutas de gladiadores etc; construção de monumentos, pontes, aquedutos, etc; distribuição de trigo, vinho ou, ainda, de dinheiro. O termo foi popularizado nos estudos sociais estabelecidos pelo arqueólogo e historiador Paul Veyne, em seu clássico “Pão e Circo”, em meados do século XX. Basicamente, o evergetismo se distingue da caridade ou do altruísmo, uma vez que seus proponentes esperam certa consideração pública de seus atos e ações. Ele foi muito utilizado como estratégia de ascensão social por parte de egressos do cativeiro, como demonstrou o professor Filipe ao longo de sua obra. Por fim, no quarto capítulo, o historiador analisa os processos de munificência na Bética, estabelecendo os processos de romanização que esta região da Península Ibérica passou a partir do século II a.C, as

legislações produzidas acerca de os libertos e os processos de evergetismo utilizados por egressos como forma de ascensão socioeconômica.

Filipe Noé Silva analisa um conjunto de instigantes questões postas a partir de fontes arqueológicas, lançando mão de um amplo espectro de fontes, tais como moedas, epigrafias, lápides de túmulos, artefatos em geral etc. O autor reconhece e analisa a importância da cultura material como vestígios da memória histórica e como ferramenta relevante para a investigação e confrontação das fontes literárias. Essa abordagem teórico-metodológica tem a premissa de ampliar as nossas possibilidades de acesso ao passado, procurando, assim, fazer a leitura a contrapelo, buscando “o dito pelo não dito”. Desse modo, o autor propõe o exercício, cujo pensamento foi pautado inclusive em investidas análogas dos próprios antigos, de relacionar a retórica, a memória, a arte e o patrimônio cultural deixado pelos antigos, pois, como aspectos pertencentes à mesma esfera, constituem no reconhecer que a temporalidade é bem mais complexo do que já se pensou, pesquisou e fora escrito. Além disso, a pesquisa de Filipe traz a lume aspectos sociais, políticos e culturais outrora escamoteados pelas fontes greco-latinas, apresentando e dando protagonismo a sujeitos que também foram construtores da História.

Digno de nota, é a análise que o autor faz sobre um grande conjunto de fontes literárias clássicas. Em seus textos, aparecem autores como Estrabão, Tito Lívio, Plínio, o jovem entre outros. Uma das citadas é a obra *Satíricon*. Pode-se considerá-la uma sátira - uma ampla crítica aos costumes e à política da Roma antiga. Filipe extrai dessa sátira notável, cuja autoria ainda é objeto de pesquisas entre historiadores, o famoso *Banquete de Trimalquião*, onde se fazem relevantes descrições acerca dum jantar oferecido pelo que se poderia chamar um “novo-rico” romano, inferindo, a partir da análise desta fonte e da discussão historiográfica, como ela é relevante para pensar nos

eventos utilizados pelos egressos do cativeiro que enriqueciam – tais como os jantares e festas – como estratégias de ascensão social por membros que outrora ocupavam os níveis mais baixos da estratificação social.

Por tudo isso, a obra "De escravos a benfeitores: os libertos e a munificência na Hispania Romana" é, sem dúvida, uma contribuição singular ao campo dos estudos da Antiguidade, da sociedade romana e, também, para as investigações brasileiras em Antiguidade da Península Ibérica. Uma obra original e inovadora, indispensável para historiadores, sociólogos e outros profissionais de Ciências Humanas, além, é claro, para o público em geral.